

BRUNA RIBEIRO

FOTOS DE
TIAGO QUEIROZ LUCIANO

MENINOS MALABARES

RETRATOS DO TRABALHO
INFANTIL NO BRASIL



Texto © Bruna Ribeiro
Foto © Tiago Queiroz Luciano

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patth Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial
Olívia Tavares

Projeto gráfico, diagramação e capa
Estúdio Insólito

Preparação
Boris Fatigati

Revisão
Ana Maria Barbosa
Tássia Carvalho

Impressão
Lis Gráfica

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R367m

Ribeiro, Bruna
Meninos malabares: retratos do trabalho infantil no Brasil/
Bruna Ribeiro; fotos de Tiago Queiroz Luciano. – 1ª ed. – São
Paulo: Panda Books, 2021. 112 p.

ISBN: 978-65-5697-110-0

1. Trabalho infantil – Brasil – São Paulo (Estado). Juventude –
Emprego – Brasil. I. Luciano, Tiago Queiroz. II. Título.
Bibliotecária: Camila Donis Hartmann – CRB-7/6472

21-70609

CDD: 331.31098161
CDU: 331-052.3(815.6)

2021

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

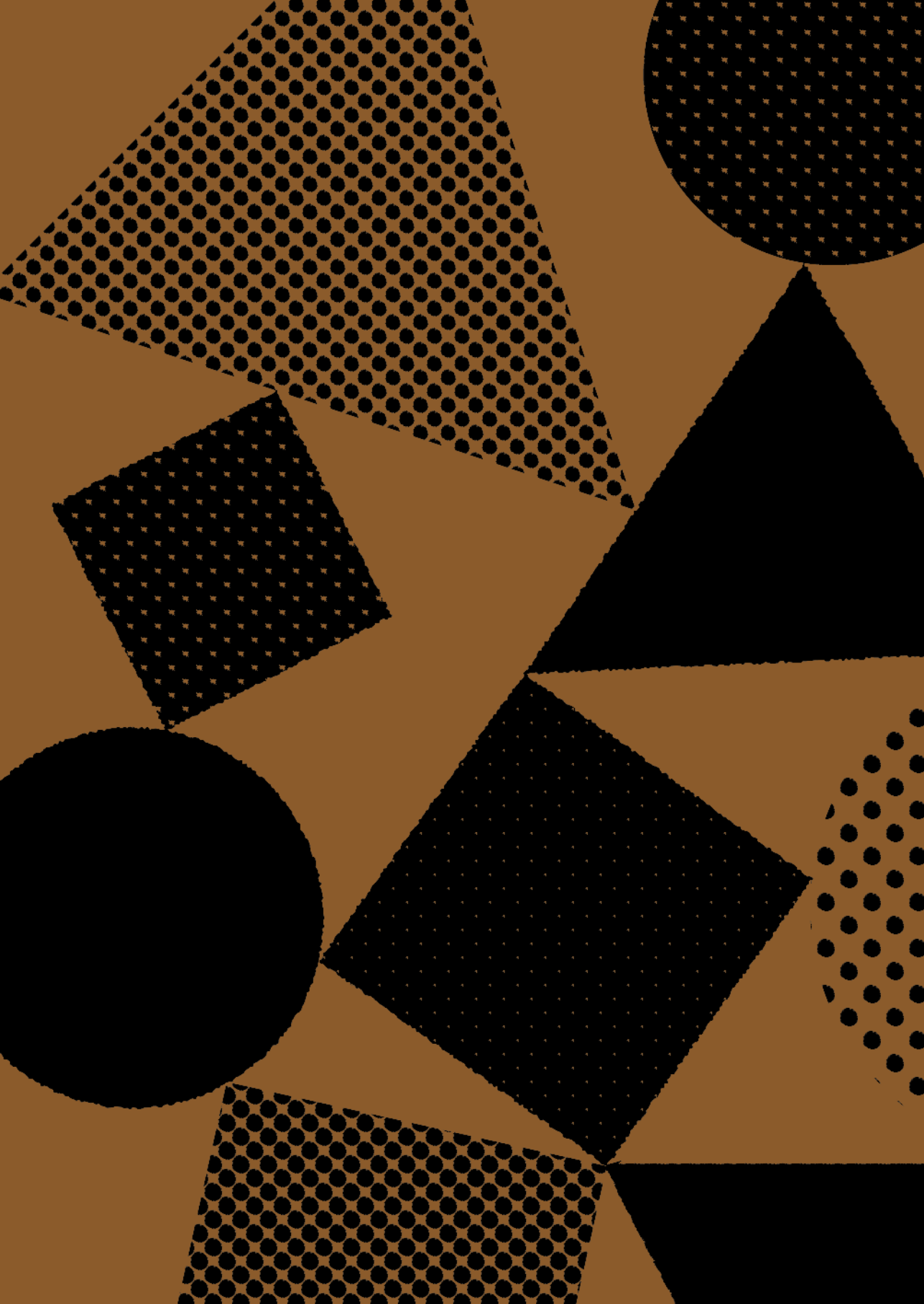
www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

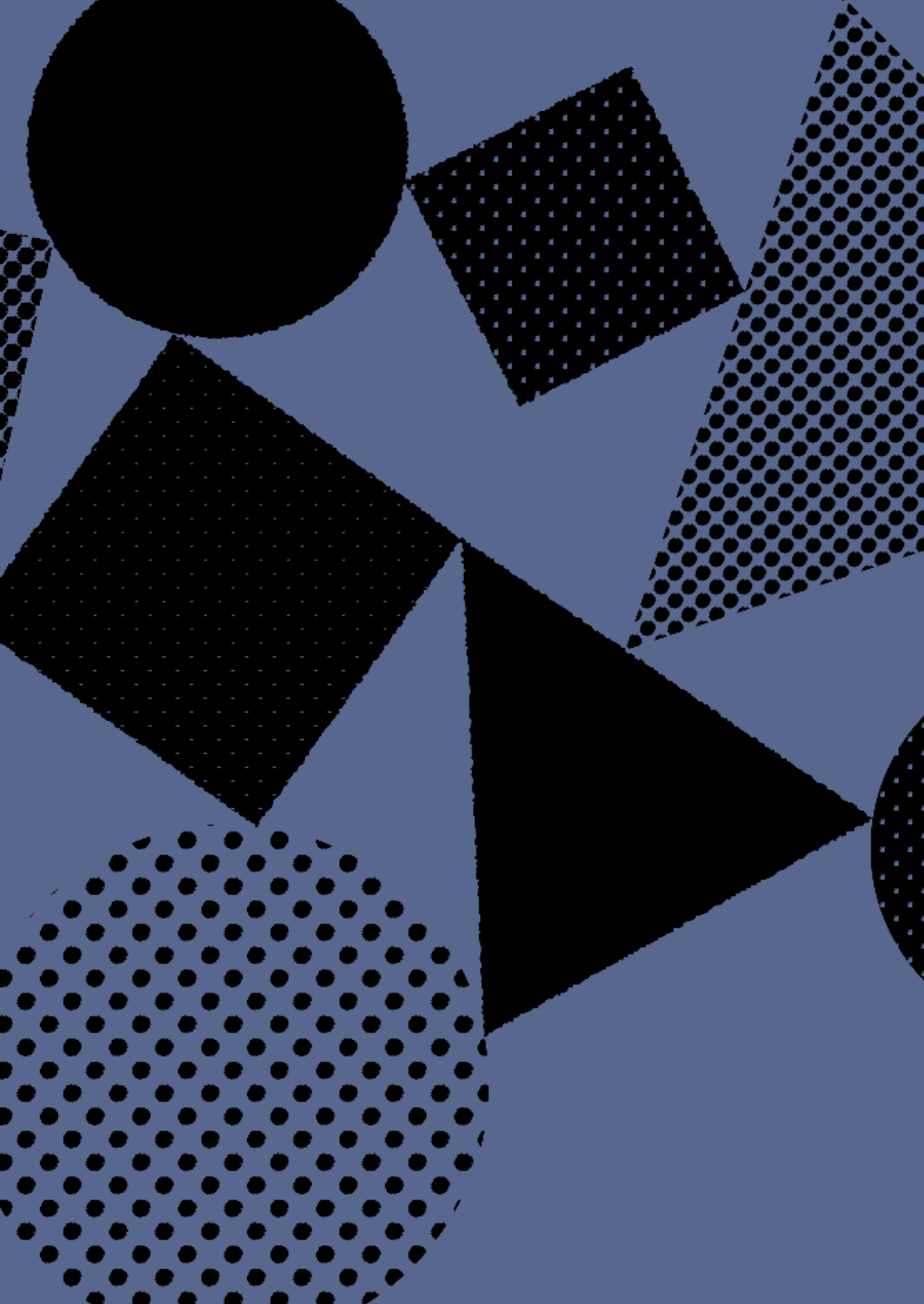


A todas as crianças e a
todos os adolescentes
brasileiros vítimas
do trabalho infantil,
especialmente àqueles
que compartilharam suas
histórias neste livro.



SUMÁRIO

7	Introdução
14	1. Os meninos coloridos e invisíveis dos faróis
22	2. Dia de Finados e a limpeza dos túmulos
30	3. Carnaval não é brincadeira de criança
38	4. Sob o sol do verão, na praia...
46	5. Sono e cansaço nas feiras livres
54	6. Evasão escolar e o trabalho no campo
62	7. O medo do tráfico
70	8. A “grande oportunidade” nas oficinas de costura
78	9. O lixão como quintal
86	10. A pandemia e a mendicância
94	Um possível recomeço
102	O trabalho infantil no Brasil
107	Os autores
109	Agradecimentos



INTRODUÇÃO

*Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade
do que a forma como esta trata as suas crianças.*

— NELSON MANDELA

POR BRUNA RIBEIRO

Alma. Sempre gostei muito dessa palavra. Alma vem de vida. E se, para Mandela, a forma como tratamos as nossas crianças é a revelação mais nítida de nossa alma social, eu me pergunto: como é a nossa alma? Quem somos nós enquanto sociedade?

O trabalho infantil não deveria existir. No entanto, a violação ainda é naturalizada e muitas vezes invisível no Brasil.

Eu tive sorte de, ainda criança, ter tido uma família que me ensinou a olhar para outras realidades além da minha. Os meus pais têm isso como um valor essencial para o desenvolvimento humano. Minha mãe, uma educadora inveterada com mais de quarenta anos de chão de escola, sempre disse a mim e ao meu irmão que o conhecimento era a única coisa que ninguém poderia tirar da gente e que, por isso, a educação era tão libertadora.

Também tive o privilégio de conviver com meu avô Aurélio por 23 anos. Ainda na primeira infância, eu o acompanhava em vários espaços de participação política que ele frequentava. Lembro da emoção de presenciar a apuração de uma eleição pela primeira vez, ainda em cédulas de papel, e também de quando ele me levou a um acampamento de pessoas sem-teto. É como se tivesse me ensinado, entre tantas coisas, a nunca perder a indignação, mas também a ter esperança de tempos melhores.

Os maiores presentes que recebi do meu avô foram textos que ele recortava sobre grandes temas da sociedade e da filosofia – alguns

guardados até hoje em uma caixa de memórias, em que estão também bilhetes, fotos antigas e cartas. Em muitas ocasiões, quando precisei me reconectar a mim mesma, recorri à tal caixa. Um desses momentos foi o processo de finalização deste livro. Refleti muito sobre o propósito da obra e qual seria o meu lugar ao contar histórias de trabalho infantil, realidade que passou longe da minha infância protegida.

Trabalho infantil é toda forma de trabalho realizado por crianças e adolescentes abaixo da idade mínima permitida pela legislação de cada país. No Brasil, é proibido para menores de dezesesseis anos, mas se for noturno, perigoso ou insalubre, a proibição se estende aos dezoito anos. Na condição de aprendiz, a lei permite o trabalho protegido a partir de quatorze anos. Entre as causas do trabalho infantil estão a desigualdade social, o racismo estrutural e questões culturais. Como consequência, a violação expõe as crianças a violências físicas, psicológicas e sexuais, além de prejudicar a aprendizagem e causar evasão escolar, perpetuando a reprodução do ciclo da pobreza nas famílias.

A resposta veio ao observar os relatos das próprias famílias e dos profissionais da rede de proteção, que expressaram o desejo de contar suas histórias para quantas pessoas quisessem ouvir, ajudando a pautar o debate na sociedade e no Poder Público. Visando humanizar uma das mais graves violações de direitos contra crianças e adolescentes, este livro apresenta dez histórias que retratam a vida daqueles que não tiveram outra opção além do trabalho na infância.

Você vai conhecer, por exemplo, a história de meninos malabares que equilibram cones e tochas de fogo em um desenho nas alturas. Mas o malabarismo pela sobrevivência não é uma exclusividade dos jovens que trabalham pelos faróis da cidade. No interior de São Paulo, em Juquiá, um menino de oito anos trabalha em uma plantação de palmitos. Você vai saber também como uma família de bolivianos conseguiu se libertar da escravidão em uma oficina de costura.

Aqui, há relatos sobre trabalho infantil na praia, na feira, no cemitério, na lanchonete, no Carnaval, além da mendicância durante a crise causada pela pandemia de Covid-19, seguida de uma verdadeira pandemia da fome. Também apresentamos a trajetória de uma

família que, com muito esforço, conseguiu romper o ciclo da exploração. As histórias se passam no estado de São Paulo, que concentra a maior produção econômica do país, mas a situação vivenciada pelas crianças paulistas é comum em todo o Brasil. Os relatos revelam o trabalho infantil como consequência de um problema estrutural, exigindo políticas públicas intersetoriais que respondam às mazelas de um dos países mais desiguais do mundo.

Ao meu lado, caminhou Tiago Queiroz Luciano, fotojornalista que capturou com suas lentes muito do que eu não conseguiria traduzir em palavras, construindo um trabalho a quatro mãos. Tudo começou em agosto de 2016, quando o convidei para fotografar os personagens das reportagens que eu vinha produzindo e escrevendo sobre o tema no projeto Criança Livre de Trabalho Infantil, na época chamado Rede Peteca – Chega de Trabalho Infantil, realizado pela Cidade Escola Aprendiz e do qual atualmente sou gestora.

A minha ideia era retratar algumas das piores formas de trabalho infantil no Brasil e as minhas pesquisas sobre o tema se aprofundaram à medida em que o projeto crescia na área, possibilitando o registro de histórias de difícil acesso, uma vez que o contato com as famílias exige fortalecimento de vínculo e credibilidade com as fontes.

Desde então, conversamos com mais de quarenta crianças e adolescentes atingidos pelo trabalho infantil e com seus familiares – todos em vulnerabilidade social e, em geral, negros, o que evidencia a herança escravocrata da violação. Os nomes dos entrevistados são fictícios, a fim de preservar sua identidade. Pelo mesmo motivo, as fotos não mostram os rostos dos personagens.

No final do livro, você encontra números, dados e contextualizações que podem contribuir para uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto, com perspectiva histórica, jurídica, cultural e social. Ainda que a importância dos dados seja inquestionável, acredito que a maior riqueza da obra são os perfis desses personagens da vida real. Quando uma história é contada, ela sai da invisibilidade. Ela passa a existir. E o reconhecimento da existência, por si só, é essencial para que, um dia, o trabalho infantil faça parte do passado.

POR TIAGO QUEIROZ LUCIANO

Quando eu era criança, aos dez ou doze anos, brincávamos na rua e, pelo menos entre nós, moleques, as diferenças não eram tão evidentes ou não nos importavam tanto. Fato é que alguns dos meninos moravam em uma pequena favela, erguida precariamente poucas ruas depois da minha casa, e, entre um e outro jogo de bola, eles trabalhavam empurrando carrinho para as mulheres que faziam a feira de sexta-feira.

São vívidas as lembranças dos meninos franzinos, muitas vezes sem camisa, de chinelo, alguns vindos de bairros distantes, levando ladeira acima carrinhos abarrotados com as compras da semana. Eles ficavam em pontos estratégicos oferecendo seu trabalho. Ao fim da jornada, alguns saíam felizes e gastavam as moedas ganhas comendo pastel e tomando caldo de cana, enquanto outros entregavam todo o ganho para suas mães.

Em algum momento nesse passado distante, ouvindo as conversas dos meninos e observando seu corre-corre com os carrinhos de feira, eu também quis ser um “trabalhador infantil”. Na minha ingênua concepção, seria minha independência, meu dinheirinho para comprar o pastel e o caldo de cana. Meus pais não deixaram. Chorei e insisti com minha mãe, que, rendida, acabou apelando ao meu pai. Lembro dele falando ao telefone: “Filho, calma, não precisa de pressa para trabalhar, você vai ter que fazer isso pela vida inteira”. Sábias palavras. Hoje, lembrando daquela fase, penso que, mais do que o dinheiro, eu queria ser parte daquele grupo de garotos trabalhadores.

Tive sorte de ter pais que não me deixaram trabalhar tão jovem e, sobretudo, uma família que não precisava que eu o fizesse naquele momento. Infelizmente, muitos garotos e garotas, por suas condições sociais e econômicas, são impelidos logo cedo para o ganha-pão em suas mais diversas formas e partem para um mercado informal sem regras e sem direitos. Lembro que a cena dos garotos empurrando os carrinhos pelas ladeiras do bairro não chocava ninguém. Os fregueses da feira, em geral mulheres, sempre elas a cuidar das muitas e árduas tarefas do lar, solicitavam o serviço não por algum

desvio de caráter ou pela consciência de abusarem do trabalho infantil, mas por acreditarem estar fazendo bem àqueles meninos.

Pelo menos no antigo bairro da minha infância, não vejo mais crianças fazendo esses carretos, mas uma boa parte da sociedade ainda tolera e até incentiva o trabalho infantil, seja porque ele é visto com certa nobreza e complacência – é o velho ditado “poderia estar roubando, mas está trabalhando” –, seja porque o país parece estar sempre imerso em uma crise econômica que joga os mais desprovidos à própria sorte.

O projeto de contar histórias de trabalho infantil em várias de suas vertentes surgiu em 2015, por meio de uma matéria que fiz sobre os “meninos prateados”, crianças e adolescentes que, na ocasião, pintavam o corpo com tinta prateada e ganhavam o dia fazendo malabares nos semáforos da cidade ou pedindo dinheiro nos vagões do metrô paulistano.

Foi um projeto marcante que me fez abrir os olhos para uma realidade ainda muito presente no país. Junto com a colega Bruna Ribeiro, uma grande parceira nesse conjunto de reportagens, fui registrar essas histórias em fotos, como a dos meninos e meninas que passam o Dia de Finados e o Dia das Mães limpando os túmulos dos cemitérios dos bairros mais abastados da cidade.

Bruna precisou me alertar que os adolescentes e crianças que continuam trabalhando nas feiras da cidade, não só como carregadores de carrinho, mas nas próprias bancas, são vítimas do trabalho infantil. Na minha visão, e de boa parte da sociedade, jovens como eles estavam apenas acompanhando os pais, trabalhando, seja nos faróis da cidade – algo tão comum que ninguém parece mais perceber ou se importar –, seja nas oficinas de costura, nas plantações, nos barzinhos ou em blocos carnavalescos. Foram muitas histórias, muitas vidas de jovens e crianças que não mereciam estar trabalhando, mas, sim, estudando ou mesmo brincando, porque brincadeira é coisa séria nessa época da vida.

Espero que este livro, fruto do trabalho de dois repórteres que se sentem impelidos a falar de um tema tão delicado e, por vezes, invisível, ajude a jogar luz sobre um problema cuja solução requer o empenho de todos nós enquanto sociedade.